



CONTRIBUIÇÕES DAS NARRATIVAS FÍLMICAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE

GOMES, Iara de Oliveira (UEM/Bolsista CAPES)¹

TERUYA, Teresa Kazuko (Orientadora/UEM)²

1. Introdução

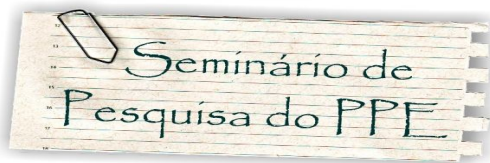
A escolha pela pesquisa sobre os sujeitos da velhice é resultado de inquietações sobre as narrativas endereçadas aos sujeitos da velhice e suas representações. Para isso, é preciso conhecer e desconstruir narrativas produzidas socialmente e disseminadas por meio da mídia. Tais narrativas evocam conhecimentos acerca dos sujeitos próximos ao nosso cotidiano e que, no entanto, passam por processos de invisibilidade quando analisados em sua relevância social, histórica e cultural.

Este artigo trata-se de uma pesquisa em andamento vinculado ao **Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicopedagogia, Aprendizagem e Cultura – GEPAC**, cadastrado junto ao CNPq na linha de pesquisa: Educação, mídia, estudos culturais. Nesse estudo destacamos a formação de identidade dos idosos endereçada pelas narrativas fílmicas.

O reconhecimento de que os velhos são apresentados por definições subalternas é resultante da análise da posição social que ocupam no sistema capitalista. Essa posição de invisibilidade emerge de pensamentos dominantes que não reconhece que o processo de envelhecimento masculino é diferente do feminino. O conceito biologizante sobre a

¹ Iara de Oliveira Gomes. Graduada em Publicidade e Propaganda pela Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. Mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. E-mail: lalexgomes@gmail.com

² Teresa Kazuko Teruya. Professora Associada do Departamento de Teoria e Prática da Educação da Universidade Estadual de Maringá –UEM. É Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, graduada em História pela Faculdade Auxilium de Lins, Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. E-mail: tkteruya@uem.br



velhice nos convida a trilhar o fácil caminho das generalizações que, por sua vez, minam a formação de espaços para refletir sobre os processos de identidade e diferença e de como essas identidades são formatadas, endereçadas e consumidas. Os idosos encenam o papel de pseudo-sujeitos, fadados ao processo de deterioração e declínio.

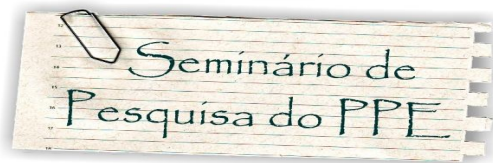
Ser idosa ou ser idoso na sociedade atual implica o entendimento e a problematização de suas representações e os estereótipos do que significa ser mulher e ser homem acima dos 60 anos. O problema social do sujeito idoso se insere no universo teórico dos Estudos Culturais, pois, sua origem remete às reivindicações de minorias representativas que reclamavam por seus direitos e sua visibilidade. O termo visibilidade aqui adotado se relaciona a um processo emancipatório com o intuito de abrir espaços para que as identidades falem por si, sejam ouvidas e tenham maior representatividade.

Os idosos apesar do significativo número populacional no Brasil 8,6% da população e no mundo 5,6% ainda é mais um grupo social que sofre silenciamento pelos discursos preconceituosos difundidos pela sociedade e proliferados pela mídia. Fundamentada por essa perspectiva da necessidade da criação de novos olhares e significados de ser, agir e pensar o idoso na sociedade essa pesquisa é um palco para a discussão: **Quais as potencialidades pedagógicas das análises das narrativas fílmicas na formação docente para a educação do idoso e da idosa?**

2. Quem são os sujeitos da velhice?

As pesquisas que tratam dos sujeitos idosos não são recentes. O que há de novo nos estudos sobre envelhecimento é a visibilidade de uma proposta de educação para a velhice. O aumento das produções acadêmicas que contemplam os idosos como sujeitos vem crescendo nas últimas décadas por causa do fenômeno demográfico que desencadeou um grande aumento na população idosa. No Brasil, mais de 8% da população o que corresponde a um número superior a 18 milhões de pessoas com mais de 60 anos.

Foi a partir da década de 1970 a produção de pesquisas voltadas aos aspectos sociológicos aumentaram consideravelmente, entretanto, as iniciativas para uma efetiva



educação dos sujeitos idosos são anteriores. A educação se volta para atender os idosos e as idosas por volta da década de 60 quando, nas palavras de Meire Cachioni (2003) “desenhou-se na França e na Itália um forte movimento em favor de uma universidade mais engajada na sociedade”. A universidade ao se modificar para atender uma nova demanda de atores sociais abre suas portas para um público que quer aprender.

Da iniciativa de Pierre Vellas - o fundador da Universidade do Tempo Livre que oferecia a seus internos a possibilidade de lazer e convivência - hoje temos uma nova configuração para as universidades brasileiras, as Universidades Abertas à Terceira Idade - UNATI que educam pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. Apesar da abertura das universidades aos idosos são poucas as pesquisas que se destinam a formação de professores que educam os sujeitos da velhice.

Essa pesquisa objetiva contribuir com possibilidades da utilização da mídia na educação do idoso, sobretudo, por meio das narrativas cinematográficas e oferecer aos docentes das UNATI as potencialidades pedagógicas das análises das narrativas fílmicas na formação docente para a educação do idoso e da idosa. A opção por escolher a formação de docentes das UNATI parte de leituras sobre a necessidade de novas pesquisas que ofereçam subsídio para a formação desses docentes. Meire Cachioni (2003), em sua tese de doutorado intitulada “Formação profissional, motivos e crenças relativas à velhice e ao desenvolvimento pessoal entre professores de universidades da terceira idade” nos instiga a promover conhecimentos para os sujeitos da velhice que

[...] têm necessidades e interesses educacionais que lhes são próprios, assim como também aprendem de maneira distinta dos mais jovens. Sugerimos que investigações futuras identifiquem melhores e mais tecnológicas condições de ensino para as várias áreas de investimento com esse segmento etário. É igualmente importante estabelecer e testar currículos para a formação e a atualização de pessoal envolvido nos programas educacionais para idosos. (CACHIONI, 2003, p. 223).

As pesquisas sobre os processos de formação das identidades de idosas e idosos oferecem aos docentes - de universidades que se destinam a educar a terceira idade - caminhos para conhecer como esses sujeitos são representados nas narrativas midiáticas com possibilidades de conhecer suas identidades em diferentes contextos sociais,

econômicos e culturais. Para problematizar os discursos sobre o idoso e a idosa nos filmes e oferecer aos docentes possibilidades de conhecer o que é dito sobre seus alunos, recorreremos aos discursos das literaturas que se destinam a estudar o processo de envelhecimento. A opção por literaturas que contemplem esse tema se deve a falta de definições sobre o que é velhice, nas obras geriátricas e gerontológicas – especialidades médicas que pesquisam os sujeitos idosos – a velhice quase sempre está vinculada com o processo de envelhecimento e o declínio biológico.

O fato é que a velhice vem acompanhada por modificações de ordem biológica, psíquica e social. A lógica da sociedade capitalista posiciona os sujeitos em diferentes níveis sociais. Os mais experientes ocupam os lugares quase sempre à margem dos que são considerados, em relação ao trabalho, como ativos e produtivos. Para ilustrar o espaço que cabe ao idoso na sociedade atual, tomamos emprestadas falas de Simone de Beauvoir (1990, p. 16) que traz elementos de reflexão sobre o espaço destinado ao idoso. A autora diz que a “[...] sociedade destina ao velho seu lugar e papel levando em conta sua idiossincrasia individual: sua impotência, sua experiência, reciprocamente, o indivíduo é condicionado pela atitude prática e ideológica da sociedade em relação a ele”. (BEAUVOIR, 1990, p. 16).

Essa impressão biológica está presente no imaginário das pessoas e que precisa ser questionado, afinal, envelhecer não é só um processo de deterioração. Ao entrar em contato com a literatura sobre idosos e processo de envelhecimento encontramos no livro de Eneida Haddad “A ideologia da velhice” argumentos que nos fizeram refletir sobre nossa própria justificativa de pesquisa e porque investigar a realidade da idosa e do idoso.

Optei então pela análise da ideologia da velhice produzida em função dos interesses da classe dominante buscando evidenciar os esquemas abstratos da realidade que fundamentam as abstratas representações sobre a velhice e deixar claro que, somente partindo da atividade objetiva do homem histórico é que se consegue explicitar os fenômenos culturais. Optar pelo discurso dos dominados, desconhecendo as representações veiculadas pela “ação pedagógica” dos especialistas em assunto de velhice, não seria possível, já que a “resistência” só é

apreendida na medida em que se apreende a própria dominação.
(HADDAD, 1986, p. 20).

Entendemos que analisar os discursos/narrativas dos dominados é desconstruir o que é dito e endereçado sobre a idosa e sobre o idoso e formular novos caminhos para pesquisar as idosas e os idosos no âmbito educacional. Como já dito, a educação voltada para os sujeitos da velhice é uma realidade recente, em meados da década de 60 as primeiras iniciativas em prol da educação dos sujeitos idosos se iniciavam na França. As conquistas, entretanto, não surgem como um movimento consciente do papel integrador, político e social, mas para conter um problema social que é o aumento da população idosa. Esse contingente populacional que onera os cofres públicos, o sistema de saúde e previdenciário (Cachioni, 2003) é também representado pelo estigma do declínio e da representação mutilada que a sociedade promove acerca dos sujeitos envelhecidos.

O conceito de declínio está presente nos estudos de Beauvoir (1990), Salgado (1982) e Cachioni (2003). Em sua obra “A Velhice”, Simone de Beauvoir inicia com uma declaração estarrecedora sobre a situação dos idosos: trata-se de *uma situação de escândalo*. Sua indignação não é descompassada da realidade brasileira nas quais milhões de brasileiros acima de 60 anos sofrem o peso de uma pressão mascarada e, algumas vezes explícita sobre a incômoda fase da velhice.

3. Outras narrativas

As narrativas sociais se apresentam também nas narrativas cinematográficas, uma vez que essas partem dos discursos sociais. As narrativas fílmicas apresentam identidades formuladas por modos de ser, agir, pensar estereótipos de homens e mulheres idosas. Narrar é um processo de inclusão/exclusão que privilegia formatos para propagar ideias e representações. Esses formatos são arquitetados para que as narrativas sejam atraentes ao espectador. Nas palavras de Elizabeth Ellsworth (2001) somos apresentados aos modos de endereçamento e da sua composição

[...] um filme é composto, pois, não apenas de um sistema de imagens e do desenvolvimento de uma história, mas também de

uma estrutura de endereçamento que está voltada para um público determinado e imaginado. (ELLSWORTH, 2001, p. 16).

As narrativas fílmicas destinam ao seu público as mensagens que se aproximam de suas realidades, vão ao encontro do que o espectador espera de um filme. Os modos de endereçamento presentes nessas narrativas objetivam alcançar o maior número de pessoas, para isso lançam mão de artifícios comuns aos sujeitos da velhice. Ellsworth (2001) nos adverte que

Se você compreender qual é a relação entre o texto de um filme e a experiência ao espectador, por exemplo, você poderá ser capaz de mudar ou influenciar, até mesmo controlar, a resposta do espectador produzindo um filme de uma forma particular. Ou você poderá ser capaz de ensinar os espectadores como resistir ou subverter quem um filme pensa que eles são ou quem um filme quer que eles sejam. (ELLSWORTH, 2001, p. 12).

A citação acima se refere aos modos de endereçamento como ferramenta de manutenção do poder hegemônico veiculado pela mídia, entretanto, é possível sua articulação para que os sujeitos-espectadores sejam alfabetizados criticamente no espaço escolar, a fim de promover processos de desconstrução dessas narrativas castradoras. O docente deve trabalhar os conhecimentos científicos e culturais para tornar nítido o processo de formação de identidades endereçadas aos idosos e idosas. Dessa forma a atuação docente tem um papel relevante e instigante na análise da narrativa fílmica como substrato para contestação, problematização e formulação de novos olhares para si, para os próprios alunos e para o que é dito sobre eles.

4. Pesquisa sobre sujeitos idosos: caminhos possíveis

Na investigação sobre narrativas, é necessário entender que elas são espaços para manutenção ou fissura do poder hegemônico que se estabelece por meio dos discursos. Nesse sentido, Douglas Kellner (2001) nos alerta que

[...] criticar as ideologias hegemônicas exige a demonstração de que certas posições os textos da cultura da mídia reproduzem ideologias políticas existentes nas lutas políticas atuais, como quando alguns filmes ou a música popular expressam posições conservadoras ou liberais, enquanto outros expressam posições radicais. Ademais, fazer crítica da ideologia implica analisar imagens, símbolos, mitos e narrativas, bem como proposições e sistemas de crença (KELLNER 1978, 1979, 1982). (KELLNER, 2001, p. 81).

Para analisar esses elementos constitutivos da narrativa cinematográfica, antes é necessário definir que o cinema é apenas um artifício utilizado para manutenção de um discurso instaurado pelo poder. Nessa investigação iniciaremos a discussão sobre os sujeitos da velhice trazendo ao palco os discursos científicos. Em seguida, será abordada a sua inserção no campo educacional e discussões sobre os processos de formação de identidade endereçados pelas narrativas fílmicas.

Foi realizado um levantamento bibliográfico sobre as pesquisas que se relacionam à conceitualização de velhice. O critério de seleção dessas literaturas foi estarem presente no portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que disponibiliza teses e dissertação brasileiras. A pesquisa nesse ambiente virtual possibilita mapear a quantidade de pesquisas envolvendo idosos e quantos se destinam a pesquisá-los do ponto de vista educacional.

Após a análise das narrativas, problematizaremos o conceito de velhice para propor novos posicionamentos diante da mulher idosa e do homem idoso como sujeitos de idade e de seu envelhecimento e não suas vítimas. Salientamos algumas conquistas legais dos idosos: aposentadoria, Estatuto do Idoso, a formação das universidades abertas à terceira idade e as pesquisas em educação voltada para esse público que regressa ao espaço universitário e a possibilidade de utilização da mídia na educação na educação permanente do idoso prevista por seu Estatuto.

No *website* da CAPES buscamos as palavras-chave: idosos, filmes e educação. Foram encontrados 9 arquivos e desses, cinco se relacionavam ao nosso tema. Desses cinco textos serão analisadas as metodologias de análise fílmica e como essas pesquisas dialogam os temas idosos, educação e narrativa fílmica.

Após o mapeamento das metodologias de análise fílmica será abordado o uso de narrativas fílmicas como ponto de partida para discussão educacional sobre os papéis

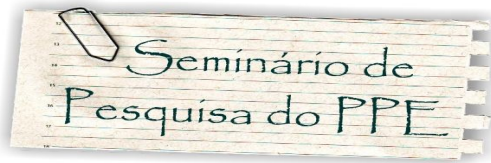
sociais dos sujeitos idosos e suas identidades no cenário educacional. A dissertação de mestrado problematizará as identidades presentes nas narrativas fílmicas e serão analisados os filmes *Conversando com mamãe* (Convenciones com Mamá) de Santiago Carlos Oves (2004) e *Alguém tem que ceder* (Something's gotta give) de Nancy Meyers (2003). A análise dos filmes será realizada com base na metodologia utilizada por Eli Henn Fabris que em sua tese denominada "Em cartaz: o cinema brasileiro produzindo sentidos sobre escola e trabalho docente".

Outro aspecto é trabalhar o papel da educação nas discussões sobre o processo de formação de identidade dos sujeitos idosos. Essas discussões possibilitam o (re) pensar da realidade social na qual os idosos e as idosas ainda ocupam espaços subalternos em diferentes esferas: familiar, social e midiática. As discussões fundamentadas nos Estudos Culturais apresentam novas possibilidades para refletir a identidade e a diferença nos sujeitos idosos, a fim de contribuir com as pesquisas em educação dos sujeitos idosos.

Ao final pretendemos oferecer aos docentes das UNATI diferentes possibilidades de se trabalhar filmes com alunos/as idosos/as. A narrativa fílmica por seu um artifício de projeção, oferece aos docentes e alunos possibilidades de se posicionarem diante das identidades e diferenças que relatam os personagens das tramas fílmicas.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. 2.ed. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1990.
- CACHIONI, Meire. **Quem educa os idosos?:** um estudo sobre professores de Universidades da Terceira Idade. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003.
- ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: Silva, Tomaz Tadeu da. **Nunca fomos humanos:** nos rastros do sujeito. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001.
- HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. **A ideologia da velhice**. São Paulo, SP: Cortez, 1986.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.



Universidade Estadual de Maringá
26 e 27/05/2011

SALGADO, Marcelo Antonio. **Velhice, uma nova questão social**. 2. ed. São Paulo, SP: SESC – CETI, 1982.